

## OLHARES DOCENTES

# A sala de aula e o aluno negro no século XXI<sup>1</sup>

**Helena dos Santos Carvalho Pinto**  
**Docente de História da SEEDUC-RJ**



A educação quilombola nunca foi pensada como uma política de governo, somente em 2010, através de pressão dos movimentos sociais e da sociedade civil organizada é que se passou a se considerar a educação quilombola como modalidade de ensino. Uma medida tardia, porém, bem-vinda. Nosso país é firmado sob a égide de braços e pés negros, contudo o conhecimento sobre estes e vindos destes nunca foram valorizados pela “educação formal acadêmica”. Nossa história nos foi e nos é negada

cotidianamente. Vale a pena ressaltar que o ensino propedêutico sempre teve prioridade em detrimento do ensino técnico profissionalizante em nosso país. Nossos primeiros pais vieram de África com tanta cultura e conhecimento, transmitidos de maneira oral; tudo foi se perdendo propositalmente ao longo do tempo. Como recuperar estes conhecimentos e/ou evitar que eles se percam?

Ao longo deste curso pude perceber com clareza as dificuldades enfrentadas por todos nós brasileiros acerca da identidade. Identidade reforçada, identidade marginalizada, uma dicotomia que rege este país. Sabemos mais dos imigrantes italianos e alemães do que dos povos africanos que

<sup>1</sup> Trabalho realizado no âmbito do Curso Educação Escolar Quilombola pelo Programa de Formação Continuada de Docentes, Pesquisadores e Representantes de Movimentos Sociais, promovido pela Revista África e Africanidades, no segundo semestre de 2017.

povoaram esta nação. Este desafio ainda não foi superado; o racismo tem crescido e a escola que devia ser uma instituição de refúgio e acolhimento, muitas das vezes, reforça preconceitos e não busca reestruturar suas bases para abrigar em sua integralidade a criança e o jovem negro; persiste no erro de fingir que nada está acontecendo. Um curso como este que estamos fazendo nos abre os olhos para que possamos nos posicionar de maneira diferente. Lutar por uma educação que contemple a todos, deve ser nossa bandeira de luta, esperar ações do governo não eliminará os conflitos étnicos-raciais que emerge das ruas cotidianamente.

Estamos em guerra, presenciamos o genocídio negro todo o dia; pela polícia, pelo Estado, pelo sistema educacional, pela mídia, tudo ao nosso redor conspira contra. Somos vítimas históricas de um passado cruel que insiste em se repetir. Capacitar e formar o jovem negro de forma unilateral, fortalecer identidades, fomentar o protagonismo juvenil, questionar o nosso passado e o nosso presente são maneiras de derrubar barreiras. O martelo está em nossas mãos: o conhecimento. Enquanto professora devo espalhar esta semente e transformar a minha sala de aula em um ambiente em que o jovem, sobretudo o negro, se veja como um cidadão proativo, capaz, com sua autoestima elevada, não pelos bens materiais que possui, mas por se reconhecer como um ser transformador e gerador de cultura e conhecimento